

O momento de encontro do ofício



Guilherme Alves Mendes*

Ruth Raquel Soares de Farias**

Resumo:

O presente trabalho relata a estada de um dos autores em uma escola pública, onde foram acompanhadas uma turma de 9.º ano do Ensino Fundamental II e uma turma de 3.º ano do Ensino Médio para a realização de atividades avaliativas que serviram como requisito parcial para a disciplina de Estágio Supervisionado II. As observações realizadas durante o estágio permitiram uma reflexão sobre a educação e a posição docente. O relato tem como objetivo amenizar a ansiedade comum aos acadêmicos que entram em contato com a sala de aula pela primeira vez.

Palavras-chave:

Ofício docente. Reflexão. Práticas educativas.

Abstract:

The present study reports one of the author's stay in a public school, where he accompanied a 9th grade elementary school class II and a 3rd grade high school group for activities which served as a partial requirement for the subject of Supervised Internship II. The observations made during the internship allowed a reflection on the education and teaching position. The report aims to ease the anxiety common to academics who come into contact with the classroom for the first time.

Keywords:

Teaching. Reflection. Educational practices.

Introdução

O estágio supervisionado é uma ótima oportunidade para o aluno graduando de licenciatura vivenciar a realidade que lhe aguarda em um futuro próximo: o ofício docente. Porém, alguns fatores pesam no momento de encarar a realidade da sala de aula. Um deles é a inexperiência. O frio na barriga e a ansiedade são inevitáveis. Contudo, estes males podem ser amenizados através da troca de experiências, como vídeos motivacionais e relatos.

A temática do “ser/saber fazer professor” é centro de debates e discussões em eventos científicos e salas de aulas no mundo todo. No entanto, informações sobre o histórico dessa profissão difícil e ao mesmo tempo maravilhosa a ponto influenciar na formação do caráter das pessoas são raras e escassas (TOMAZETTI; MORAES, 2016, p. 745).

É fato que educação e ofício docente estão intimamente relacionados. Desta forma, o contexto histórico de como teria se consolidado a profissão docente pode ser descrito através da história da educação.

* > Graduando em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Piauí. E-mail: mendesguilherme.gui@hotmail.com.

** > Doutora em Biotecnologia em Recursos Naturais pela Universidade Federal do Piauí. Professora substituta no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE). E-mail: ruthraquelsf@gmail.com.

A educação teria surgido de forma espontânea nas comunidades humanas primitivas. Não havendo uma pessoa responsável pela tarefa de instruir os mais jovens, estes aprendiam o básico para a sobrevivência (caçar, buscar abrigo...) através da imitação dos mais velhos. A educação evoluiu no oriente em civilizações com organização política como o Egito, Índia e China. O surgimento da escrita foi um marco na história da educação. O que antes era um fenômeno espontâneo, agora passou a ser intencional permitindo o surgimento de escolas e mestres (BARBOSA, 2010, p. 20-24).

A educação clássica ou ocidental está ligada a Grécia antiga e a Roma e teria se desenvolvido entre os séculos V a.C. e V d.C. O modelo contemporâneo de educação nacional, onde o Estado é o responsável pela oferta de ensino primário universal, gratuito e obrigatório, com intuito de formação patriota, surgiu na França em meados do século XVII consolidado pela Revolução Francesa (RODRÍGUEZ, 2010, p. 68). Neste cenário, pode-se concluir que educação e civilização evoluíram simultaneamente, ou seja, a educação e a existência humana estão intimamente relacionadas.

A trajetória da educação desde seus primórdios até o modelo atual consolidado mostra que as necessidades e interesses humanos culminaram em práticas sociais intencionais e sistemáticas; e que o professor, por se tratar de uma figura histórica, assume uma posição de destaque na educação.

Seguindo esta linha de raciocínio, o presente trabalho tem como objetivo amenizar o nervosismo de acadêmicos iniciantes nas disciplinas de estágio supervisionado através do relato de experiência vivenciada pelo autor em uma escola da rede pública de ensino. Entre os objetivos específicos lista-se: apresentar um relato que serve de parâmetro para o direcionamento das tomadas de decisões dos estudantes de licenciatura que iniciarão a disciplina de estágio supervisionado e contribuir para formação e encontro da didática de futuros professores.

Metodologia

Acompanhamento de um professor titular lotado no quadro de professores efetivos do Governo do Estado durante 14 dias. Observando duas turmas: uma de 9.º ano de Ensino Fundamental maior e outra de 3.º ano do Ensino Médio, foi possível vivenciar a rotina do ensino público da região.

Resultados e discussão

Durante os 14 dias de acompanhamento das turmas, percebeu-se pouca ou nenhuma mudança nas práticas de ensino do professor colaborador e o descontentamento de alguns alunos com as disciplinas de Ciências (Ensino Fundamental) e Biologia (Ensino Médio).

Elaborou-se um questionário simples contendo apenas três questões com o objetivo de esclarecer algumas dúvidas sobre a relação professor-aluno e como proceder para que essa relação permanecesse harmônica e facilitasse o processo de ensino-aprendizagem. O questionário direcionou os resultados da pesquisa e as respostas dos alunos foram todas voltadas para a posição conteudista do professor. Na primeira questão: o que você espera aprender em Ciências/Biologia? Verificou-se a empolgação dos alunos de ambas as turmas com a disciplina. Os alunos do Ensino Fundamental ressaltaram que esperam aprender vários fenômenos da natureza e os alunos do Ensino Médio foram mais específicos, mostrando interesse em Zoologia e Botânica, por exemplo. Uma das respostas que chamou atenção foi a seguinte: “conhecer as diversas formas de vida”.

A segunda questão: como você gostaria que ministrassem as aulas de Ciências/Biologia? Apresentou um consenso entre as duas turmas. Todos os alunos demonstraram em suas respostas que a teoria é importante mas que também sentem necessidade de aulas práticas para facilitar a assimilação do conteúdo: “olhar os bichos e as plantas na prática”, diz um dos alunos.

Assim como a segunda questão, a terceira: quais as dificuldades apresentadas pela escola que limitam o ensino de Ciências/Biologia? Também apresentou um consenso entre as duas turmas e o laboratório inativo da escola aparece como a principal limitação para o ensino das disciplinas de Ciências e Biologia nessas turmas: “a situação da escola não facilita” ressalta um dos alunos.

Os alunos demonstraram insatisfação com relação às práticas educativas empregadas pelo professor colaborador. É importante ressaltar que a intenção aqui não é julgar a metodologia de ensino do professor colaborador, uma vez que a estrutura da escola não oferece condições favoráveis para o desenvolvimento de aulas mais dinâmicas como as práticas laboratoriais, pois o laboratório de ciências encontrava-se desativado. Teixeira (2003) enfatiza que ao avaliar o ensino de ciências nos deparamos com disciplinas rigorosamente marcadas pelo conteudismo e excessiva exigência de memorização de algoritmos e terminologias, o que torna as aulas monótonas. Todavia, esse autor não leva em conta a realidade desses professores no âmbito da escola e dos recursos disponíveis para o exercício pleno de sua função, que também devem ser levados em consideração. Na escola em questão por exemplo, não haviam projetores para facilitar a visualização de materiais didáticos como diagramas, videoaulas, filmes e outros.

Em uma conversa, o professor colaborador explicou que não seria possível a realização de aulas práticas, devido a interdição do laboratório de ciências da escola e a insuficiência de materiais necessários para tal atividade. Naquele momento, as dificuldades enfrentadas pelo professor colaborador tornaram-se evidentes. Apesar dessa insatisfação por parte de alguns alunos, o professor colaborador sempre manteve-se calmo e esperançoso. Lembrei-me por um instante das palavras de Freire: “minha esperança é necessária, porém, não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia” (FREIRE, 1992, p. 5). Apesar da insatisfação de alguns alunos com a metodologia de ensino empregada, o professor colaborador manteve a autoestima, sempre acreditou no seu trabalho, e mesmo com a pouca estrutura oferecida pela escola, estava alcançando os objetivos que traçou e ministrando os conteúdos estabelecidos.

Destaco aqui a importância do professor colaborador para a formação dos novos docentes (BENITES; SARTI; SOUZA NETO, 2015). Ressalto o esforço dessa figura para minimizar o “choque com a realidade”, nas palavras de Veenman (1998), no que se refere ao ofício futuro que aguarda os acadêmicos em formação e o incentivo recebido durante essa experiência. É o momento onde escolhe-se um ofício que irá te acompanhar pelo resto da vida ou seguirá outra carreira. Colocar tudo na balança e refletir sobre isto, aparece como opção interessante e o estágio permite essa reflexão. A realidade vivenciada durante o curso de licenciatura e as práticas educativas sugeridas nas diversas teorias pedagógicas, é confrontada com a influência de professores de outrora que tivemos, em outras palavras “carregamos a função que exercemos, que somos e a imagem de professor que internalizamos” (ARROYO, 2000, p. 124).

De fato, é uma função difícil, que exige comprometimento, uma vez que o educador é o grande responsável pela humanização do educado (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 219) e nem sempre terá à sua disposição as condições e recursos necessários para o exercício pleno de sua função. No entanto, acreditar que seu ofício abrirá o caminho para o futuro dos jovens, nos permite manter o otimismo. O estágio supervisionado separa aqueles que realmente são professores daqueles que não se empoçam pelo ofício.

Considerações finais

Esta experiência possibilitou uma reflexão sobre educação, ofício docente, sala de aula e práticas educativas. Uma visão histórica da educação com o intuito de estabelecer uma base concreta da posição de destaque do professor ao longo da história da humanidade foi apresentada no início do relato.

O contato com a sala de aula possibilitou ainda o acompanhamento na prática, da função docente; todas as relações existentes entre o professor e os alunos, permitiu o desenvolvimento de estratégias para o planejamento e execução das práticas educativas em um futuro próximo.

O estágio supervisionado libera esse turbilhão de emoções e sensações, é o momento prático que define o futuro do licenciando. O acadêmico deve estar preparado para tomar uma das decisões mais importantes de sua vida: ser ou não ser educador. Todavia, é preciso sempre ter esperança. As dificuldades sempre existirão e irão nos abater, nos deixar de joelhos e permaneceremos de joelhos se nos desesperarmos. No entanto, devemos nos lembrar do que nós, professores, somos e o significado do ofício que escolhemos. Não se abater diante das dificuldades é necessário. A realidade prática do ofício é confrontada com as teorias pedagógicas aprendidas na academia e exige do educador a capacidade de resolução desses conflitos.

O estágio supervisionado é de fato um momento decisivo na jornada do licenciando e permite uma reflexão profunda sobre o “ser professor”. Revela todos os prós e contras desta profissão presente desde os primórdios da humanidade e essencial para a continuação da existência da mesma.

Referências

- ARROYO, M. G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARBOSA, M. S. T. *História da Educação*. São Luís: UemaNet, 2010.
- BENITES, L. C.; SARTI, F. M.; SOUZA NETO, S. de. De mestres de ensino a formadores de campo no estágio supervisionado. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 45, n. 155, p. 100-117, jan./mar. 2015.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e Docência*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- RODRÍGUEZ, M. V. A origem da escola moderna: o legado de Condorcet. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 32, n. 1, p. 67-74, 2010.
- TEIXEIRA, P. M. M. A educação científica sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica e do movimento CTS no ensino de ciências. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 9, n. 2, p. 177-190, out. 2003.
- TOMAZETTI, E. M.; MORAES, S. B. Formação do professor de filosofia: entre o saber e o fazer. *Eventos Pedagógicos*, Sinop, v. 7, n. 31, p. 744-758, jan. 2016.
- VEENMAN, S. El proceso de llegar a ser profesor: un análisis de la formación inicial. In: VILLA, Aurelio (coord.). *Perspectivas y problemas de la función docente*. Madrid: Narcea, 1988.